DUAS OU TRÊS COISAS QUE SEI DELE

PREFÁCIO AOS LIVROS LIVRES DO FUTURO

Mario Helio Gomes de Lima

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Abraham Bragança de Vasconcelos Weintraub

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Antônio Ricardo Accioly Campos

DIRETOR DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO,
CULTURA E ARTE (DIMECA)
Mario Helio Gomes de Lima

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

DUAS OU TRÊS COISAS QUE SEI DELE

PREFÁCIO AOS LIVROS LIVRES DO FUTURO

Mario Helio Gomes de Lima

© 2020 Mario Helio Gomes de Lima

Projeto gráfico
Editora Massangana

ISBN 978-65-5737-000-1

Foi feito o depósito legal.

Reservados todos os direitos desta edição.
Reprodução proibida, mesmo parcialmente,
sem autorização da Editora Massangana
da Fundação Joaquim Nabuco.

Fundação Joaquim Nabuco | www.fundaj.gov.br
Av. 17 de Agosto, 2187 - Ed. Paulo Guerra
Casa Forte - Recife, PE | CEP 52061-540 - Telefone (81) 3073.6363
Editora Massangana | Telefone (81) 3073.6321
https://www.fundaj.gov.br/index.php/pagina-editora-massangana

DUAS OU TRÊS COISAS QUE SEI DELE

PREFÁCIO
AOS LIVROS LIVRES
DO FUTURO

SUMÁRIO

DUAS OU TRÊS COISAS QUE EU SEI DELE, 11
POR MARIO HELIO GOMES DE LIMA

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE, 39
POR FREDERICO FARIA NEVES ALMEIDA

AS CONFISSÕES
DE UM MUSEU DE ANTROPOLOGIA, 45
POR CIEMA DE MELO

DUAS OU TRÊS COISAS
QUE SABEMOS DELES E DELAS, 51

The Enigma of Isidore Ducasse, 1920/1972, de Man Ray.

DUAS OU TRÊS COISAS QUE EU SEI DELE

PREFÁCIO AOS LIVROS LIVRES DO FUTURO

MARIO HELIO GOMES DE LIMA

Há muitas maneiras de começar um livro. E de iniciar e indiciar um não-livro. Esta é uma delas. Escolher títulos talvez seja não seja tão difícil quanto a arte de escolher nomes para gatos, mas se trata, igualmente, de um jogo sério onde nem todos os autores se saem bem.

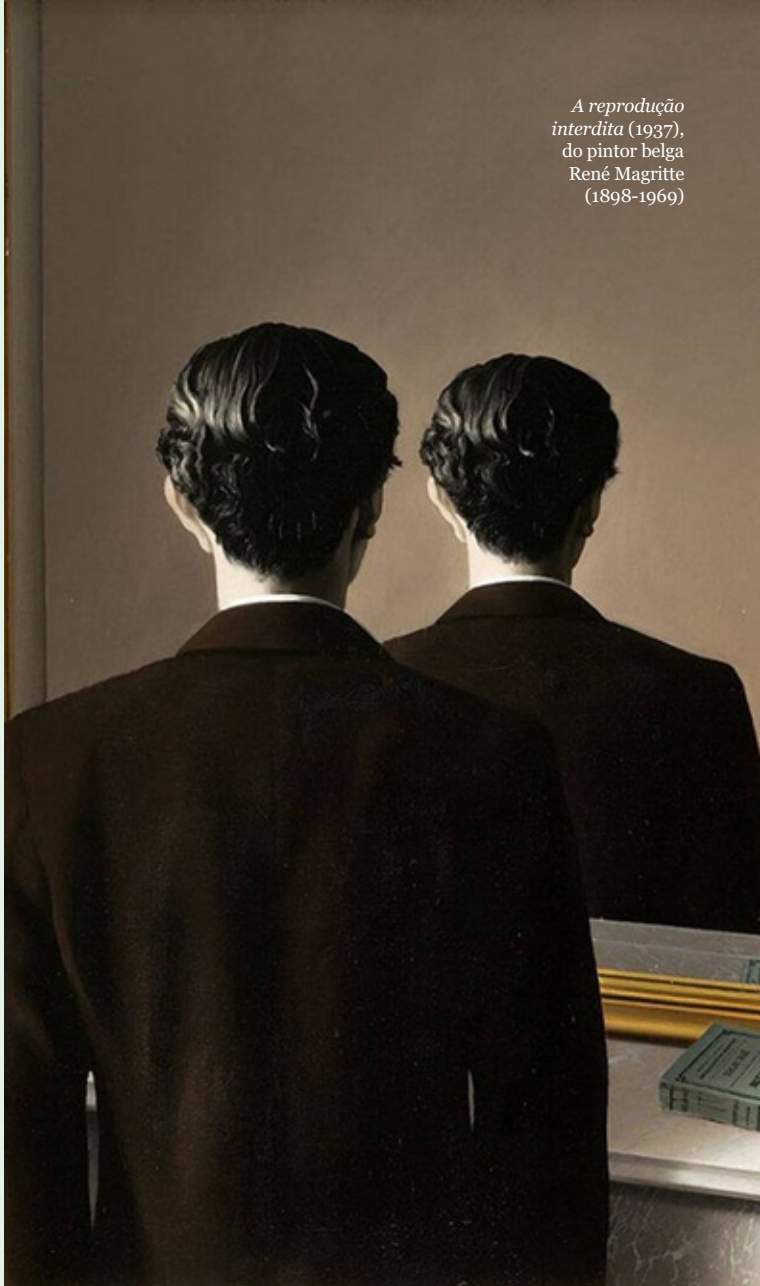
Duas ou três coisas que eu sei dele – prefácio a um livro ou estímulo aos e-books das coleções do Museu do Homem do Nordeste. Estão aí fundidos o cineasta Jean-Luc Godard e o escritor uruguaio Isidore Ducasse. Quase como "o encontro fortuito, sobre uma mesa de operações, de uma máquina de costura e de um guarda-chuva".

Magritte mostrou o que não era o cachimbo exibindo a pintura *Isto não é um cachimbo*. Que se tornou título de uma obra de Foucault. Este livro não é um livro. É um opúsculo em forma de e-book.

Uma outra forma de começar um livro é evadir o seu sentido, evitar o seu tema, e começar citando este trecho de Haroldo de Campos que é sobre o começo:

> *"e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo [...] todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fimcomêço começa e fina recomeça e refina se afina o fim no funil do comêço afunila o comêço no fuzil do fim no fim do fim recomeça o recomêço refina o refino do fim e onde fina começa e se apressa e regressa e retece"*

Willy Lewin escreveu um museu da poesia prefaciado por seu amigo João Cabral que escreveu um museu de tudo. Todo museu é uma espécie de antologia. De muitas espécies,



A reprodução interdita (1937), do pintor belga René Magritte (1898-1969)

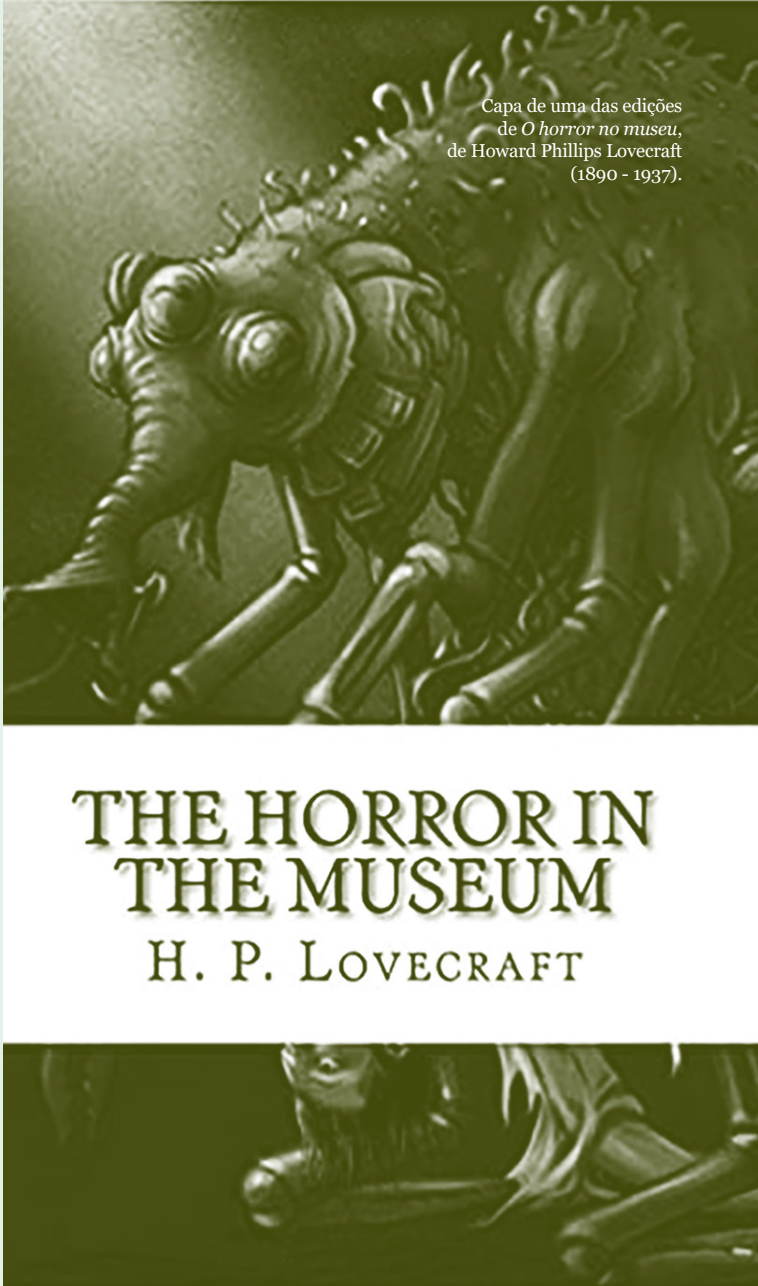
gêneros, coisas sujeitas sujeitadas, condenadas a serem eternamente vistas e esquecidas.

Ver-se em um museu é uma forma de (não) apenas passear pelas coisas que passaram e cujo único futuro consiste em apresentar-se, presentificar-se? Seja como for essa forma de presenciar ensina que um museu como um CD não é um livro de viagem. É somente uma das muitas formas com que se apresenta a linguagem.

A linguagem é matéria. Mas seus materiais estão na rua e nos dicionários, escondidos nas florestas, mares e rios e cavernas. Escrever consiste em demuseificar a linguagem. Ou seja, reinstaurá-la como objeto vivo, como se além do texto ainda se salvasse o contexto.

No penúltimo ano do século XIX, o jornalista e político chamado de Alberto Mackenna Subercaseaux, teve a ideia de um Museu de Cópias. Projeto artístico e educativo.

Alguém poderia pensar neste ainda início do século XXI de um museu de imitações. Todos os museus que se chamam Museu do Homem são imitações ou cópias – apenas no nome – do Museu do Homem. O mais famoso é aquele que havia e ainda continua, de outra forma, existindo no Trocadero.



Capa de uma das edições de *O horror no museu*, de Howard Phillips Lovecraft (1890 - 1937).

Pamuk pensou num museu da Inocência. Lovecraft escreveu sobre o contrário. O horror em um museu.

> *"Conhecia tão bem o museu que podia localizar suas habituais imagens inclusive em total escuridão. De fato, as trevas tinham o efeito de emprestar às recordadas imagens algum elemento imaginário profundamente perturbador. A guilhotina parecia ranger e o barbudo semblante de Landru — que matou suas quinze esposas — se contorcia com expressão de monstruosa ameaça. Da garganta cortada de Madame Demers parecia brotar um som borbulhante, enquanto a descabeçada e desmembrada vítima de um assassino do baú tentava aproximar-lhe mais e mais seus cotos ensanguentados. Jones começou a estreitar seus olhos para ver se podia desfocar as imagens, sem o menor resultado. De fato, ao apertar os olhos, a corrente estranha e intencional dos grãos de luz se fazia mais perturbadoramente pronunciada."*

O Museu da Inocência, criado pelo Nobel turco de Literatura Orhan Pamuk, em Istambul.

Diz Jaime Rubio Angulo, nas páginas 5 e 6 do seu *El museo: memoria y virtualidade*:

"O museu contemporâneo se pode definir, em primeiro lugar, como 'o lugar na cidade onde uma sociedade armazena os artefatos que selecionou porque constituem a trama de sua memória material: constituem a coleção que o museu preserva, restaura e aumenta'. Esta instituição, assim descrita, tem três funções: conservação, comunicação e educação. Não trato de desenvolver estas ideias, que correspondem ao que se chamou museologia. Prefiro tomar outro caminho, apoiando-me na ideia de François Dagognet, que considera o museu como um lugar filosófico. Por um lado, vemos que a localização, a arquitetura dos museus, a distribuição das salas e das coleções expressam a ideologia, as filosofias implícitas na sociedade. Por outro lado, há vários anos o público que visita os museus aumentou. Isto merece uma reflexão. O que buscamos nos museus? Talvez uma imagem de nós mesmos capaz de exorcizar, em um período de mutação, a angústia do irreversível: entre um futuro imprevisível e um passado deixado pra trás, os museus mostram a transição em transe de efetuar-se em nosso meio, em nossos artefatos, em nossos espíritos e em nossos corpos."

"Em 1995 o filósofo francês Jean-François Lyotard leu na Biblioteca Luis Ángel Arango de Bogotá a conferência 'Monumento dos Possíveis'. Para Lyotard existe um 'trabalho' próprio do museu, que consiste em transformar em monumento qualquer coisa, mesmo que mínima e trivial. Desde 'que é introduzida no museu, com sua etiqueta de identificação, se transforma em monumento'. Convém, em primeiro lugar, esclarecer o que se entende por monumento e, em seguida, em que consiste o 'trabalho de colocar em monumento'.

"Etimologicamente, na palavra monumento ressoam os ecos da mesma raiz: mon e ment, o que permite interpretar nossa palavra atual - em um sentido - como 'espírito de uma custódia' e -

Decalcomania (1966),
de René Magritte
(1898-1969)

em outro sentido - como 'custódia do espírito' (memória, mentir e demência pertencem a este mesmo campo semântico). A mente é o que alerta, o faz menção, e neste alerta, sem o sentido, o espírito está ausente e perdido no inerte, é a demência, o sem sentido. Assim, a partir da etimologia, podemos iluminar o trabalho de monumentação museal. O museu monumenta. É o espírito preocupado com o que pode ser e fazer. Resgata os restos e os 'suspende': os transforma em pegadas, que são os restos arrancados do inerte, do esquecimento, do que faz que a mente se extravie (demência). O museu elabora uma memória ao instituir como 'traço' e como pegada aquilo que nos parece resto.

"Há uma demência que é produzida por um 'esquecimento ontológico': frequentemente nos esquecemos de que algo que aconteceu lhe corresponde ser esquecido."

No poema "O Museu Darwin", Daniel Samoilovich fala de

Moedas de um deus indiferente,
dias como ilhas, cada um deles

com sua flora e sua fauna,
separado um de outro pela
noite; e em seu silêncio agudo, a passagem
de um gigante que vem nos trazer
o raríssimo dom do presente.
Nada é mais semelhante
a um esqueleto humano que um
de morcego: à hora dos ossos
todos iguais e a alma uma coisa
cuja importância seria fácil
- tratando-se, como se trata, de um mesmo -
exagerar. Um museu muito anos 60,
com fotos, gravuras, o sol
filtrando-se através de janelas
um pouco sujas e uma carta de Darwin
escrita em grandes helvéticas:
«Olhando esta tarde os tentilhões/
junto à costa de Florián...»
Entre a acusada consciência do passado,
e a desmemória,
entre distinguir e confundir
as folhas com a sombra das folhas,
assim existimos, essa foi a forma
que a felicidade tomou para nós.
Tampouco do reflexo
se pode saber

se se corre, ou morre e nasce
de novo na violeta
superfície do mar.

O Museu do Homem do Nordeste é um marco na história cultural da região inserida no seu nome. Antes disso, da Fundação Joaquim Nabuco. Tudo bem claro no noticiário da época de sua inauguração. Não se tratou de coincidência que o ano 30 do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais se celebrasse com a ênfase no Museu, no seu ano primeiro. Museu de museus. Pois resultou da fusão de três que funcionavam já há vários anos: o do açúcar, o da arte popular e o de antropologia. Basta ler os nomes deles para perceber que tal fusão seria tão natural quanto inevitável: a antropologia continha tanto a arte quanto o açúcar da região em seu desenrolar cotidiano e cultural.

Era mais do que simplesmente a fusão de museus existentes. Museu do Homem porque o elemento antropológico é o dominante, e o já o era antes da trindade integrada cristãmente. Pode-se pensar o que será o Museu em 2079? Talvez seja mais fácil do que compreender a visão tacanha de quase um século no passado.

Como a notícia publicada num jornal de jeito mais lusitano que carioca, a despeito do nome: *Diário do Brasil*. Um artigo sob o título de "A Jangada no Museu", de 9 de maio de 1884 talvez ainda tenha algo ensina sobre certo tipo de senso comum quando se trata de museu:

> *"O museu nacional é destinado, como se sabe, a recolher objetos raros e preciosos que sirvam para estudo ao sábio, ao historiador, ao filósofo, ao mineralogista, ao etnógrafo, ao paleontólogo e a todos, finalmente, que desejem observar os fenômenos do mundo físico e do mundo moral.*
>
> *"Entretanto, ao museu foi recolhida a jangada de Francisco do Nascimento, esse pobre homem que veio a instâncias de outros não menos pobres homens representar uma verdadeira farsa, um brinquedo de carnaval.*
>
> *"Quem é o herói, e o que é a jangada, todos o sabem nesta cidade.*
>
> *"Unicamente o museu é que parece não saber.*
>
> *"Mostremos ao país onde vai a sabedoria do museu.*

"Não consintamos que seja iludida a história com tão ridículo e falso documento como é a jangada recolhida ao museu nacional. Retiremos aquilo ali.

"Qual é o valor científico da jangada para que a sabedoria do museu a admitisse entre os objetos preciosos que lá existem?

"A jangada não tem o menor valor científico nem para a história, nem para as artes, nem para os costumes de um povo.

"É simplesmente objeto de irrisão, de escárnio e de vergonha para todos os que lhe sabem a crônica.

"Quando se apresentar qualquer sábio a perguntar o que é aquilo, o museu responderá:

"Aquilo é uma jangada, e a respeito do seu valor a crônica reza o seguinte:

"Era um dia, e veio do Ceará um homem. Chegado à praia de D. Manuel, em frente ao palácio de D. João, e no reinado de D. Pedro, colocou a jangada junto aos feixes de lenha que ali se depositam.

"E pensando o povo que aquilo era lenha de cozinha, quis comprar a jangada, e perguntou ao homem quanto custava aquilo. O homem respondera que não se vendia, porque aquilo era coisa de mágica, era o seu talismã, e que em breve o povo se poria em alvoroto por causa d'aquilo.

"E logo o homem do Ceará tirou da sacola diversas bandeirinhas, atou-as a uns gravetos que estavam no chão, e distribuiu-as pelo povo. E começando a tanger um berimbau o povo ocioso das vizinhanças acudiu ao lugar. E o homem vendo que já era grande a quantidade de povo, pôs a jangada na cabeça e tangendo o berimbau foi guiando aquele povo enfeitado de bandeirolas de cores pelas ruas desta cidade. E quando chegaram ao museu, o homem do berimbau, vendo as portas abertas, entrou com o povo.

"E o guarda do museu ficando também tocado de feitiço, tomou uma bandeirola e acompanhou a procissão do berimbau dentro do museu. E tendo entrado por uma porta saiu por outra, com o berimbau, deixando no museu a

jangada, essa coisa que aí está.

"Mas, dirá o sábio, isso aconteceu logo que se descobriu o Brasil, no século XV ou XVI?

"Não, senhor, dirá o museu, isto aconteceu ontem. Se vossa sabedoria prestar atenção, ainda houve o berimbau.

"Tiremos a jangada das vistas do sábio. A verdade, a história e a dignidade da nossa civilização o exigem.

"O museu não é praia de D. Manuel, não é depósito de lenha."

Se o mar não é cemitério de rios, como ensinou o poeta, tampouco o museu mero depósito de coisas ou loisas.

O Museu do Homem do Nordeste vai como *work in progress* fazendo-se mover o seu futuro. O propósito deste 'prefácio' é celebrar o futuro como um livro que se escreve no presente. Ao decidir a Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte pela realização da Festa Digital do Livro, não poderia faltar uma menção ao livro vivo que é o Museu. Neste ano, além das exposições e mediações tão indispensáveis quanto as curadorias, pedagogias, museologias, com ou sem rimas, o Museu avança.

Também com livros. Livros sobre o museu. Livros dentro do museu.

Não há riscos de que este prefácio fique mais extenso que a obra – como o de Sartre para Genet. É um jeito simples de homenagem. Porque visitar um Museu, qualquer museu, é, de certa forma, um ato tão metódico e imprevisto quanto um filme de Godard.

Ainda que se possa pensar cada peça de um museu possa, por força da imaginação e da analogia, como a página de um livro, as comparações têm severos limites. Diferentemente de um livro, que quase sempre é o resultado do trabalho individual, não há talvez notícia de museu que não seja obra coletiva. E sempre *work in progress*. Esta expressão foi usada pelo escritor irlandês James Joyce para título provisório de um dos seus livros. Poderia ser o título de todos os museus. E à expressão nos remetemos quando estruturamos a Festa Digital do Livro, realizada 100% em meio eletrônico, por consequência direta do impacto da pandemia do Covid19 que impactou todo o mundo em 2020.

Se o historiador Hobsbawm já havia notado os extremos do século XX, o que dizer do XXI?

Quanto tempo durará? O XX, segundo o britânico, durou menos de cem anos. O marco limite seria o ano de 1989. Foi exatamente nesse ano que o poeta António Salvado publicou o seu ensaio "Museu: lição de coisas", que parece tanto falar àquele presente quanto ao atual futuro:

"Em época de profundíssima instabilidade, em século de contínuas interrogações - também a concepção de museu sofreu embates, suportou oscilações, viveu terramotos, num propósito de clarificação relativamente à utilidade da sua (dele museu) própria existência e numa intenção de traçamento de caminho que o adaptasse, nas suas funções, à realidade do momento presente que vivemos.-

Assim, e em tentativa de resumirmos o que por natureza é extremamente complexo, sirvamo-nos duma espécie de antinomia de conceitos para definirmos a diferença entre a concepção tradicional e a concepção recente do museu. Que o mesmo será afirmar: estabeleçamos a mise-en-scène, o cenário (desculpai as palavras) que envolviam ontem as tais coisas (do título desta palestra) e que suportam hoje as tais mesmíssimas coisas. Seja-nos então lícito afirmar (e recordamos, sobre o assunto, o museólogo jugoslavo Tomislav Sola) que, numa perspectiva tradicional o museu é: puramente racional; especializado; mostra objectos; encontra-se voltado essencialmente para o passado; trabalha apenas com originais: permite uma aproximação formal, autoritária; é, no seu programa de funções, objectivo e científico; regulamenta-se pelo conformismo referentemente à ordem estabelecida. Numa concepção nova e actual, o museu possui, como vigas estruturais, os seguintes atributos: permite um lugar grande às emoções; especializado embora, admite o aparecimento da complexidade; mostrando também objectos, procura bem mais visualizar conceitos; se testemunha o passado, interessa-se vivamente pelo presente; não hesita no recurso a cópias; proporciona uma aproximação informal e, mais ainda, comunicativa; paraleliza ou

sobrepõe mesmo ao carácter objectivo e científico das suas funções uma arejada carga criativa e popular; mostra-se, no seu quotidiano, não-conformista, girando num eixo de adequada renovação, em cadeia progressiva dum processo que nunca tem fim, porque nunca está completo."

Valores pessoais (1952),
de René Magritte
(1898-1969)

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE

FREDERICO FARIA NEVES ALMEIDA

Assumi a coordenação do Museu do Homem do Nordeste/Muhne em junho de 2018, dedicando-me, de imediato, a conhecer o acervo, as exposições permanentes e temporárias, os equipamentos e a equipe técnica que o compunha.

As quase 16.000 peças que compõem suas coleções foram incorporadas ao acervo a partir de 1979, quando a fusão de três museus pernambucanos — o Museu de Antropologia, o Museu de Arte Popular e o Museu do Açúcar — dá origem ao Museu do Homem do Nordeste. De um modo geral, o acervo encontra-se bem acondicionado, com tratamento conservativo contínuo e permanente. O Muhne tem caráter

histórico/antropológico e tenta traduzir a vida cotidiana do povo nordestino. Boa parte do acervo do museu foi doada pelo próprio criador, o sociólogo Gilberto Freyre e seus companheiros de trabalho e de estudos.

Segundo historiadores, antropólogos e especialistas, o conjunto de peças é de excelente qualidade, nele se encontram representados alguns dos mais famosos artistas populares da Região, junto a objetos representativos dos costumes, das crenças e da trajetória do seu povo. No entanto, de todo esse acervo, apenas cerca de 1.000 peças estão presentes na exposição permanente. O restante está acondicionado na reserva técnica, ou emprestado a outros museus, dentro e fora do Estado.

Pouco tempo depois que assumi a Coordenação Geral do Museu, assistimos à tragédia do incêndio do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Imediatamente, partimos para a verificação das condições dos sistemas de prevenção e combate a incêndio no Muhne e na sua reserva técnica. Verificou-se que dito sistema estava desatualizado, exigindo a inserção de equipamentos, sinalização e hidrantes. O projeto foi aprovado no Corpo de Bombeiros e se encontra em fase de contratação para imediata implantação.

A exposição de longa duração Nordeste: Territórios Plurais, Culturais e Direitos Coletivos está em cartaz há 12 anos. É consenso entre os membros da equipe que há necessidade de uma atualização conceitual da mostra. Assim, estamos trabalhando de forma participativa na elaboração do projeto de uma nova exposição. A ideia é abrir e difundir um debate, incentivando e absorvendo a contribuição de colaboradores externos, em torno da pergunta: quem é o Homem do Nordeste do século XXI? Ou, ainda, o que é o Nordeste do século XXI?

Uma enorme diversidade cultural distribuída num território que abrange nove estados da federação indica que essa não é uma tarefa fácil. Exigirá da equipe do Museu não só trabalho e dedicação, mas também, conhecimento e criatividade. A nova exposição de longa duração, que está prevista, segundo o Plano Museológico do Muhne , para ser inaugurada em 2024, deverá acompanhar a evolução tecnológica dos equipamentos expositivos, potencializando a representatividade proporcionada pelo vasto acervo de que dispomos.

Ao mesmo tempo, a expansão da área de exposição do museu é um desafio que se coloca, pela necessidade fundamental de promover a rotatividade expositiva de um acervo museológico que, em sua maioria, encontra-se guardado em reserva técnica para, dessa forma, proporcionar aos visitantes a ampliação de suas possibilidades de contemplação, conhecimento e fruição.

Também pouco tempo depois de assumir a Coordenação Geral do Museu do Homem do Nordeste, pude constatar a qualidade da sua equipe técnica. Composta por servidores com as mais variadas formações profissionais, de acordo com as necessidades de um museu de antropologia, a equipe conta com museólogos, antropólogos, sociólogos, educadores e técnicos de nível médio e superior. Uma equipe comprometida com a missão do Muhne, e que hoje se dedica a enfrentar os desafios, as dificuldades cotidianas e as questões conceituais do Museu, inerentes à sua amplitude temática que, de tão abrangente, necessita de constante atualização. Sempre buscando levar ao seu público a representação de uma realidade extremamente complexa: a região nordeste e o Homem que a habita dando-lhe identidade e significado.

Em 21 de julho de 2019, o Museu do Homem do Nordeste completou 40 anos. A data foi festejada com bastante alegria, quando foram homenageados diversos ex-servidores e colaboradores do Muhne que, de alguma forma, contribuíram para a sua criação e desenvolvimento. Temos plena convicção que, nessas quatro décadas, o Museu contribuiu de forma decisiva para a ampliação do acesso ao conhecimento e ao entretenimento cultural.

Nesses tempos de pandemia e de isolamento social novos desafios se colocam para as instituições museais em todo mundo. As salas de exposição e galerias do Museu estão fechadas para a visitação pública. Em resposta a essa realidade, as equipes têm se esforçado para continuar prestando serviços ao seu público usuário, de forma engajada e criativa. Disponibilizamos os circuitos virtuais da exposição do Muhne e do Engenho Massangana com imagens em 3D e estamos trabalhando em novos projetos que, por meio da tecnologia, promoverão novas formas de acesso às exposições e ao acervo.

AS CONFISSÕES DE UM MUSEU DE ANTROPOLOGIA

CIEMA DE MELO

As confissões de um museu? Estranho?

Nem tanto.

Sou o Museu do Homem do Nordeste. Tenho quarenta anos. Para um museu, ainda sou moço. Sou uma representação regional, mas, aos poucos, adquiri caráter, índole, temperamento. Acumulei experiências e desenvolvi convicções. Aconteceu: virei uma "pessoa institucional".

Permaneci fiel ao meu projeto fundador. Fui criado por Gilberto Freyre, discípulo de Franz Boas. Sou culturalista. Boasiano. Penso que os homens não nascem sapiens. Nascem apenas mamíferos: animais frágeis, indefesos,

e, cruelmente ignorantes. A cultura é que os torna Sapiens. *A antropologia demonstrou que a humanidade não é uma característica inata: é adquirida.*

Foi assim que compreendi que nós museus somos — ou deveríamos ser — "espaços de gratidão". Porque rigorosamente os vivos dependem das conquistas daqueles que os precederam no tempo, pois, se subtraídos do conhecimento acumulado por seus ancestrais a que ficariam reduzidos os homens de hoje? Retornariam às cavernas.

Sou muito observador e percebo que a maioria das pessoas não se dá conta de que não existe passado isento de presente. Aliás, o passado nunca está inteiramente consumado. Os fatos curiosamente se modificam. A História é volúvel, e, é notável o poder da circunstância. Diria que, não obstante existir como um museu, também sou orteguiano: — eu sou eu, e, a minha circunstância. Hoje não sou o que já fui. Sou mais brando, muito menos assertivo. Assumo publicamente o que não sei, exponho minhas dúvidas, e não tenho medo de confrontar pontos de vista.

Quero imenso bem à minha região. Quero bem ao Nordeste. Corrijo-me, quero bem aoS NordesteS. São muitos. Percorri todos eles e me surpreendi com cada um deles! Constatei as diferenças, mas também constatei a semelhança que os aproxima. Em todos, a aptidão para o trabalho, a intimidade com a terra, as vogais abertas, o uso frequente do diminutivo e a espécie de altivez que me faz afirmar — perdoe, Graciliano — que no Nordeste real Fabiano jamais teria matado Baleia!

A mim agridem os estereótipos atribuídos aos meus representados. É um insulto admitir a existência de um nordestino genérico. O Nordeste não é um exportador de "paraíbas de obra" para o Sul maravilha.

Sofro alterações de humor. Há períodos em que fico mais introspectivo. Normalmente ocorrem quando estou absorvendo as mudanças. É preciso calma para atualizar o passado. Sem modéstia, faço bem isso!

O que mais? Para mim o grande herói é o homem comum, e o maior heroísmo é o exercício da vida cotidiana. Não sou ingênuo e sei perfeitamente reconhecer o valor da arte, e a excepcionalidade da obra prima, mas, por

outro lado, sinto uma ternura especial por objetos tidos como insignificantes. Defendo a exaltação do prego, pois o que seria da Mona Lisa sem o prego que a mantém suspensa na parede? Pregos e parafusos prestam serviço inestimável. Possuo uma coleção deles!

Também creio na tenacidade do Barroco e na forma imperecível da cuscuzeira.

Sou sentimental.

Sou a memória do Nordeste.

Sou a memória inaugural da nacionalidade brasileira.

Visitem-me.

Vale a pena.

DUAS OU TRÊS COISAS QUE SABEMOS DELES E DELAS

“Carioca, meu primeiro contato com o Muhne foi ainda como graduando no curso de Museologia. Um museu citado em sala de aula como exemplo pela sua ousadia e inovação expográfica,caracterizada por uma relação mais próxima com o público. Tenho orgulho de hoje ser parte da equipe que conduz esta instituição com 40 anos de existência e o grande desafio de renovação.”

FREDERICO FARIA NEVES ALMEIDA

Frederico Faria Neves Almeida é engenheiro civil, possui especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos (UFBA, 1990) e em Tecnologia da Conservação da Pedra (Veneza/IT, 1995). Mestre em Gestão Pública (UFPE, 2011), foi servidor do Iphan desde 1983, onde exerceu durante 13 anos o cargo de Superintendente do Iphan em Pernambuco, hoje aposentado. Desde 2013, leciona no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Uninassau. Atualmente, é o Coordenador Geral do Museu do Homem do Nordeste, implementando, junto com as Coordenações do Muhne, as ações de museologia, expografia e ações educativas da Fundação Joaquim Nabuco.

Albino Oliveira é museólogo (Unirio, 1996) com especialização em História e Cultura Afro-brasileira e Mestrado em Gestão Pública/Gestão do Patrimônio Cultural (UFPE, 2014). Iniciou carreira no serviço público em 1999 como museólogo da Pró-Reitoria de Extensão da UFPE. Em 2008, através de concurso público, transfere-se para a Fundação Joaquim Nabuco, trabalhando no Centro de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade e Museu do Homem do Nordeste, onde desde 2014 é Coordenador de Museologia.

Ciema Silva de Mello é graduada em Comunicação (Propaganda e Marketing) e Mestra e Doutora em Antropologia. Funcionária do quadro permanente da Fundação Joaquim Nabuco. Ex-Diretora do Museu do Homem do Nordeste. Membro titular do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (Iahgp).

> *“De volta ao Museu do Homem do Nordeste o trabalho continua: como musealizar 53 milhões de pessoas, distribuídas em nove estados distintos, da Bahia ao Maranhão? Eis o desafio, apaixonante, desse museu!”*
>
> MARIA FERNANDA PINHEIRO DE OLIVEIRA

Maria Fernanda Pinheiro de Oliveira é museóloga e Mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Especialista em Docência em Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Cândido Mendes. Foi Chefe da Divisão de Documentação Escrita do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, foi museóloga do Museu da Cidade do Rio de Janeiro; participou de projetos de restauração de monumentos como: Theatro Municipal do Rio de Janeiro e da Igreja da

Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Desde de 2007 é Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Joaquim Nabuco, atuando como museóloga no Museu do Homem do Nordeste. Foi Coordenadora de Museologia do Museu do Homem do Nordeste de 2008 a 2014. Cedida ao Instituto Brasileiro de Museus para exercer o cargo de Diretora do Museu de Arte Religiosa e Tradicional, de 2015 a 2018.

"O museu é arena para o diálogo e construção do conhecimento. Minha atuação tem buscado contribuir para que o Muhne esteja sempre atento ao entorno e aberto à escuta da sociedade, sempre plural e diversa."

SILVIA GONÇALVES PAES BARRETO

Sílvia Gonçalves Paes Barreto é socióloga, obteve o grau de Mestre pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais (UFPE, 2004). Aprovada em concurso, trabalha na Fundaj desde 2007 tendo colaborado nas seguintes funções: coordenadora substituta do setor de Artes Visuais, chefeda Divisão de Ações Educativas do Espaço Cultural Mauro Mota e substituta da chefia da Divisão de Estudos Museais.

"O Museu do Homem do Nordeste é uma síntese imagético-discursiva sobre o homem desta região do país. Um equipamento institucional que preserva sua memória, reconhece suas lutas, empodera suas visibilidades, suas disibilidades."

JOSÉ LUIZ GOMES DA SILVA

José Luiz Gomes da Silva é bacharel e com Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPE), Aperfeiçoamento em Indicadores Sociais (Fundaj), Especialização em Filosofia Dialética (UFPE), Mestrado em Ciência Política (UFPE). É servidor efetivo da Fundação Joaquim Nabuco desde 1990, tendo ocupado o cargo de Coordenador da Museologia por dois anos, por eleição direta. No período de 2018 a 2019, estive envolvido com pesquisa sobre a representação da raça negra no Museu do Homem do Nordeste, como resultado de inserção no projeto A Produção da Fundação Joaquim Nabuco sobre Relações Étnico-Raciais, vinculado ao PI - Educação e Relações Étnico-Raciais. Atualmente, exerce suas atividades funcionais na Divisão de Estudos Museais e Ações Comunitárias do Muhne, subordinada à Coordenação de Museologia.

“Nascido em Recife, abracei a cidade de Olinda desde os primeiros anos de vida, como sendo minha terra natal, o que vem estreitando meus laços identitários com o Museu do Homem do Nordeste pelo exercício traduzido nas histórias/memórias impregnadas nas ladeiras e casarios olindenses ao longo da minha vida.”

JEFFERSON LINDBERGHT DE SOUSA

Jefferson Lindberght de Sousa é graduado e Mestre em Administração (UFPE), especialista em Gestão Cultural (UFRPE/Fundaj, 2012), é 2º Tenente da Reserva do Exército Brasileiro (Cpor-Recife, 1982). Ingressou na Fundação Joaquim Nabuco por concurso público (1993), atuou no Cehibra/Coordenadoria do Arquivo Administrativo, onde coordenou o Projeto Resgate da Memória Cultural da Fundaj e do Projeto Memória Institucional entre 2001 e 2010; no Museu do Homem do Nordeste desde 2010, atuou na Coordenadoria Educativo-Cultural, onde colaborou na supervisão do Projeto Jovem Artesão e na coordenação do subprojeto Discurso Expositivo Raça Negra no Acervo do Museu do Homem do Nordeste. Atualmente, atua na coordenadoria da Museologia/Arquivo Institucional do Muhne.

“O Museu pra mim é como um grande amigo... Aquele amigo em que você confia, apresenta pra todo mundo, defende, ensina e aprende muito, muitas vezes e de diferentes formas. O Museu me ajuda a compreender por que a arte é tão fascinante, ele me permite ter muitas emoções e desafios, mas principalmente me permite ter orgulho de contribuir com os processos educacionais de muita gente. Com certeza a frase “eu vou voltar” dita pelos visitantes é a mais linda do meu dia a dia lá no Muhne ou no Massangana.”

EDNA MARIA DA SILVA

Edna Maria da Silva é pedagoga (UFPE, 2006) com especialização em Gestão Educacional em Espaço Formal e Não-formal (Fafire, 2010) e Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento

do Nordeste (UFPE, 2014). É servidora da Fundação Joaquim Nabuco desde 2008, sendo Coordenadora de Ações Educativas e Comunitária só Museu do Homem do Nordeste desde 2016.

O Muhne é para mim uma defesa de direitos. Ele consegue agregar dois dos mais importantes deles: o direito à educação e o direito à cultura para todos. É neste sentido que acordo para trabalhar todos os dias!

MARIA DAS GRAÇAS DE OLIVEIRA VASCONCELOS

Maria das Graças de Oliveira Vasconcelos é graduada em Serviço Social (UFPE, 1986), possui mestrado em Gestão de Políticas Públicas (Fundaj/UFPE, 2003) e doutorado em Políticas Públicas (UFMA, 2019). É servidora da Fundaj desde 1992, mediante concurso público, atualmente está lotada na Coordenação de Ações Educativas do Muhne.

O museu é um local para as pessoas se conectarem e se conhecerem, além, é claro de preservar a historia da região. É bastante interessante observar como muitos visitantes se reconhecem nas diversas peças e narrativas do Muhne!

VICTOR CARVALHO

Victor Carvalho é bacharel em Turismo (UFPE, 2008) com aperfeiçoamento em Gestão Ambiental (UFPA, 2012). Ingressou no funcionalismo publico em 2013 no Museu Paraense Emilio Goeldi onde, além de desempenhar atividades administrativas, se engajou e contribuiu para o desenvolvimento de atividades educativas na Floresta Nacional de Caxiuana. Em 2017 passou a fazer parte do quadro da Fundação Joaquim Nabuco, onde atualmente atua na equipe da Coordenação de Ações Educativas do Museu do Homem do Nordeste.

Vejo o Museu do Homem do Nordeste como um importante instrumento de educação e difusão cultural com serviços relevantes prestados à sociedade brasileira. Um instrumento de transformação, portanto.

ANTONIO CARLOS MONTENEGRO

Antonio Carlos Montenegro é arquiteto (UFPE, 1981) com especialização em Políticas Culturais e Mestrado em Gestão Pública/Gestão do Patrimônio Cultural (UFPE, 2014). É servidor da Fundação Joaquim Nabuco desde 1987, tendo ocupado os seguintes cargos nessa instituição: Coordenador Geral do Museu do Homem do Nordeste, Coordenador do Laboratório de Pesquisas, Conservação e Restauração de Documentos e Obras de Arte/Laborarte; Diretor da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte; Coordenador da Villa Digital; atualmente responde pela área de exposições do Museu do Homem do Nordeste.

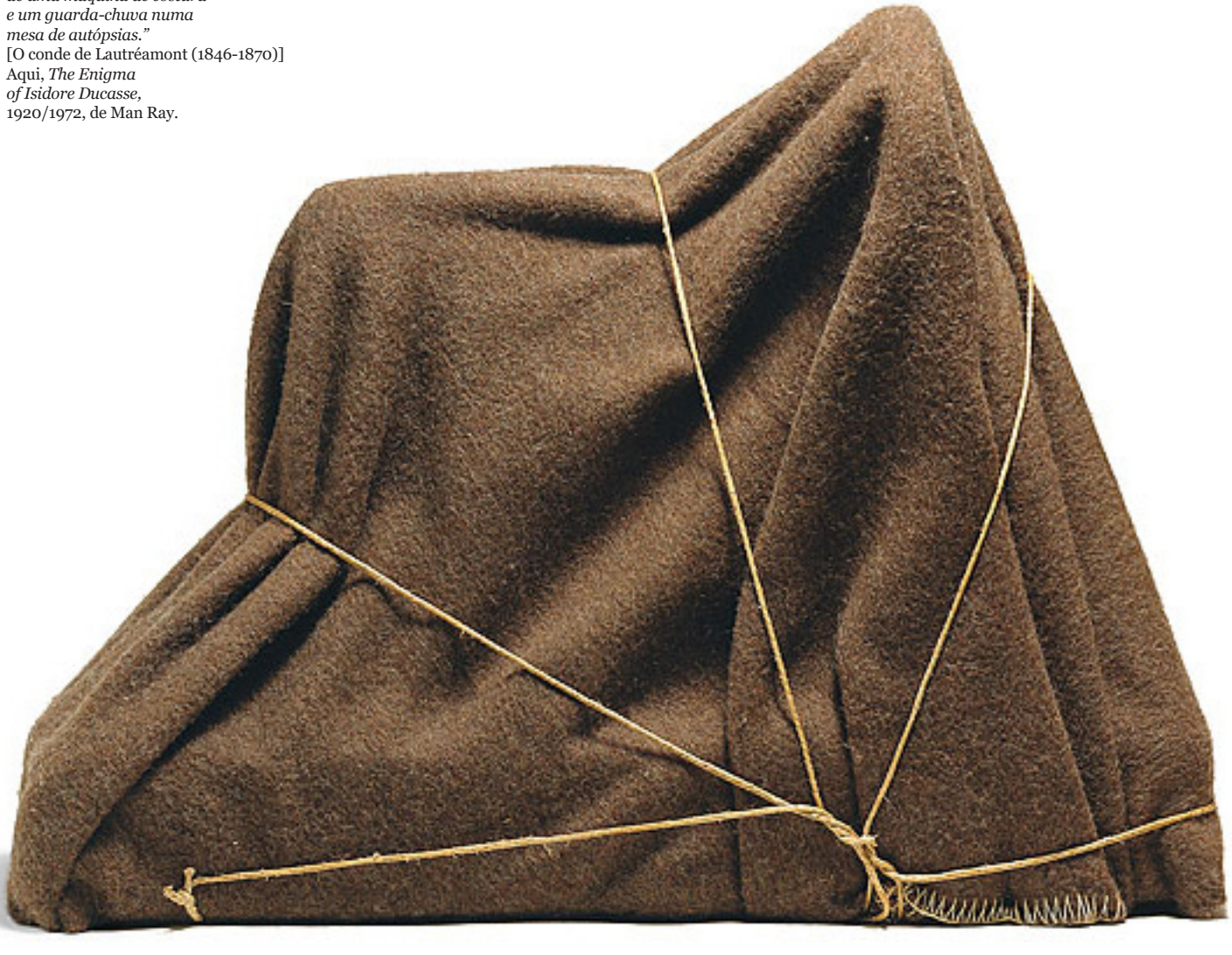
"Entre os inúmeros presentes que a Fundaj me deu, com certeza o mais gratificante foi a Instituição ter aberto, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, o Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste onde conclui a minha pós graduação com a dissertação: Guardiões, memórias e fronteiras: *histórias e gestão do Museu do Homem do Nordeste. Claro que minha paixão foi meu objeto de estudo!"*

SILVANA ARAÚJO

Silvana Araújo é socióloga com Mestrado em Gestão Pública. É servidora da Fundação Joaquim Nabuco desde 1987 onde ocupou diversos cargos, destacando: gerente-administrativo, coordenadora técnica do Mestrado em Gestão Pública da Fundaj; coordenadora de Museografia e de Difusão Cultural; Coordenadora Geral do Museu do Homem do Nordeste.

Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro é bacharel em Museologia (2006) e Mestre em Museologia e Patrimônio (2014) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio. Desde 2007 é Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Joaquim Nabuco, atuando como museólogo no Museu do Homem do Nordeste. Foi presidente do Fórum dos Museus de Pernambuco (2011-2013). Tem experiência na área de Museologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Museu, Museologia, História dos Museus e da Museologia, Documentação Museológica.

"Belo como o encontro de uma máquina de costura e um guarda-chuva numa mesa de autópsias."
[O conde de Lautréamont (1846-1870)]
Aqui, *The Enigma of Isidore Ducasse,* 1920/1972, de Man Ray.



9 786557 370001

Fundação Joaquim Nabuco
Editora Massangana

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL